

Convergências e divergências em grandes temas teológicos das tradições luterana e reformada são trazidos à luz. Irênico em espírito e lúcido na escrita, este livro é uma reciclagem teológica bem-vinda que também promoverá o verdadeiro diálogo ecumênico. Edificação e iluminação são os dons de Kolb e Trueman, por quem os leitores podem ser gratos.

— **Dennis Ngien**

Professor de Teologia Sistemática,  
Tyndale University College and Seminary, Toronto  
Professor-pesquisador,  
Faculdade Wycliffe, Universidade de Toronto

Robert Kolb e Carl Trueman são não apenas especialistas nas respectivas tradições, como também escritores maravilhosos. Este é um livro necessário. Muitos adeptos das confissões luteranas ou reformadas não investiram tempo lendo os opostos. Além disso, como Trueman nota no prefácio, muitos evangélicos ignoram questões vitais para as duas grandes tradições confessionais da Reforma. Os leitores bem-informados podem objetar aqui e ali, mas todos devemos admitir que este livro é uma grande contribuição para a genuína ecumenicidade, que exige exposição, análise e diálogo honesto em vez de esconder as diferenças genuínas. Recomendo-o muito.

— **Robert Scott Clark**

Professor de História da Igreja e Teologia Histórica,  
Seminário Westminster Califórnia

O teólogo luterano Robert Kolb e o teólogo reformado Carl Trueman oferecem abordagens confessionais robustas para *loci* teológicos clássicos, buscando fundamentar a fé na verdade bíblica da Palavra. Ao evitar as polêmicas dos séculos anteriores e incorporar o melhor da civilidade e integridade, cada pensador mostra as similaridades e diferenças evidentes entre suas duas tradições. Este livro convida teólogos e pastores luteranos e reformados à maior apreciação, conhecimento e compreensão de cada tradição e, assim, tornarem-se fluentes em cada meio e mais graciosos em relação aos outros. Este é um livro necessário.

— **Mark Mattes**

Universidade Grand View

Difícilmente alguém poderia pedir expositores mais qualificados das perspectivas luterana e reformada que Robert Kolb e Carl Trueman — dois teólogos muito capacitados para articular sua posição confessional ao mesmo tempo que nutrem amizade e vínculo cristão mútuo. *Entre Wittenberg e Genebra* pode servir como excelente introdução às interpretações bíblicas e convicções pastorais distintas de cada uma dessas duas tradições, não só como normalmente se atribui a Lutero e Calvino, mas também como segundo o traçado de várias gerações (e controvérsias) que se seguiram. Calorosamente recomendado pelo tom e conteúdo.

— **John L. Thompson**

Seminário Fuller Theological Seminary  
Autor, *Reading the Bible with the Dead*

Este livro é leitura obrigatória. Fundamentado na história, autocrítico e convicto de que sua confissão resume de forma melhor o ensino bíblico, cada autor envolve-se em algo bastante singular e importante — *dialogar*. No processo, os autores apresentam não só as diferenças essenciais, mas também o legado comum geralmente negligenciado em nossa era não confessional.

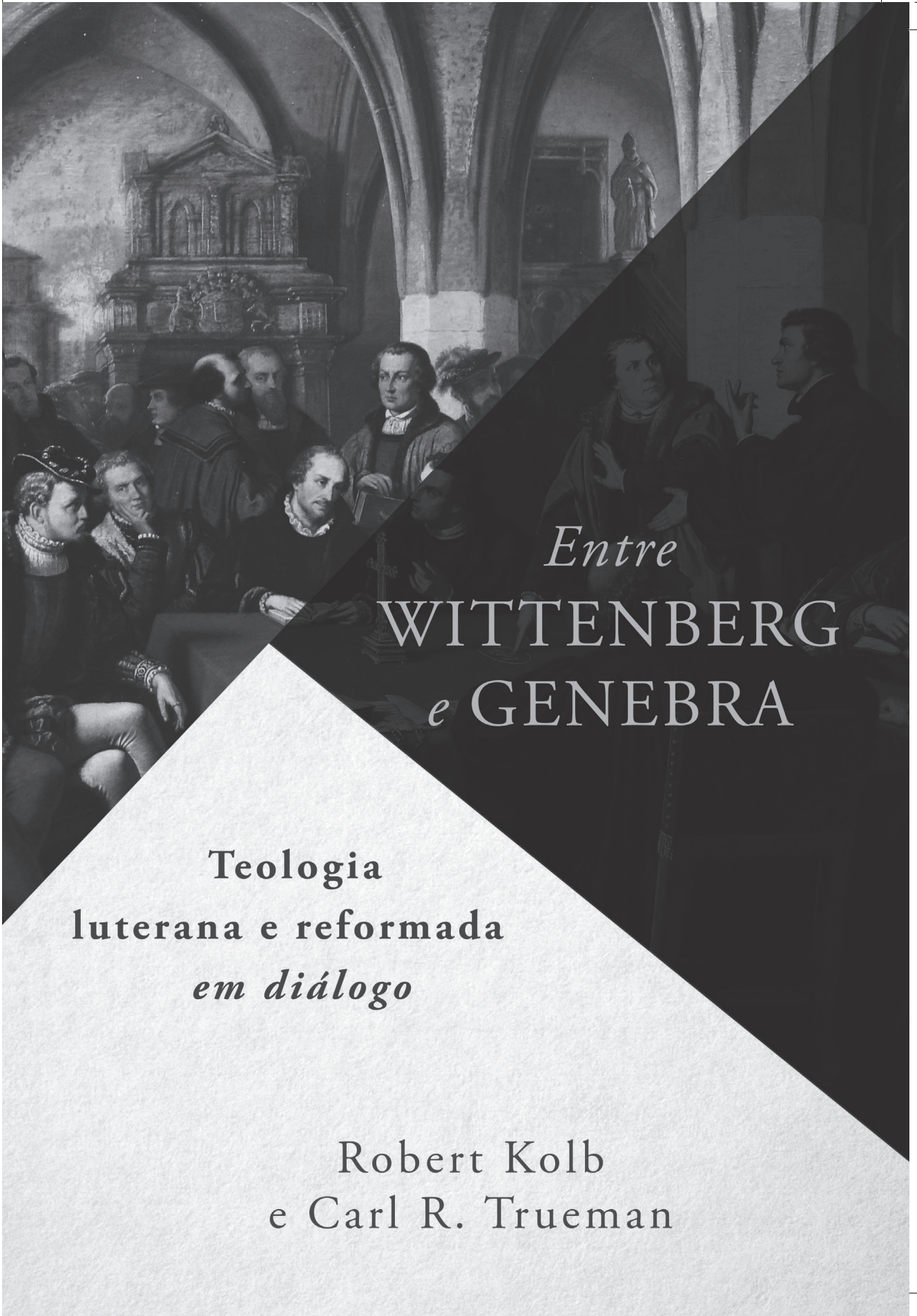
— **Michael Horton**

Professor de Teologia Sistemática e Apologética,  
Seminário Westminster Califórnia

*Entre Wittenberg e Genebra* é um tesouro para todos os estudantes da Reforma. Kolb e Trueman, dois cuidadosos historiadores e teólogos da Reforma, oferecem um guia eminentemente legível, inteligente e benevolente das maiores preocupações teológicas das tradições confessionais luterana e reformada. Eles lidam com as principais doutrinas da Reforma, examinando com grande clareza e honestidade as convicções compartilhadas e as nítidas discordâncias de Lutero, Zuínglio, Calvino e seus herdeiros teológicos. Pastores e leigos, professores e estudantes, todos se beneficiarão com o rico conteúdo e o tom irênico deste livro.

— **Carl L. Beckwith**

Professor de História e Doutrina,  
Beeson Divinity School, Universidade Samford



*Entre*  
WITTENBERG  
*e* GENEBRA

**Teologia**  
luterana e reformada  
*em diálogo*

Robert Kolb  
e Carl R. Trueman



*Entre*  
WITTENBERG  
*e* GENEBRA

Teologia  
luterana e reformada  
*em diálogo*

Robert Kolb  
e Carl R. Trueman



**EDITORA  
MONERGISMO**

BRASÍLIA, DF

Copyright © 2017, de Robert Kolb e Carl R. Trueman  
Publicado originalmente em inglês sob o título  
*Between Wittenberg and Geneva: Lutheran and reformed theology in conversation*  
pela Baker Academic – uma divisão da Baker Publishing Group,  
PO Box 6287, Grand Rapids, MI 49516-6287, EUA.

*Todos os direitos em língua portuguesa reservados por*  
EDITORA MONERGISMO  
SIA Trecho 4, Lote 2000, Sala 208 – Ed. Salvador Aversa  
Brasília, DF, Brasil – CEP 71.200-040  
www.editoramonergismo.com.br

1ª edição, 2017

Tradução: *Josaiás Cardoso Ribeiro Júnior*  
Revisão: *Felipe Sabino de Araújo Neto* e *Rogério Portella*  
Capa: *Barbara Lima Vasconcelos*  
Projeto gráfico: *Marcos R. N. Jundurian*

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS,  
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da  
Versão *Almeida Revista e Atualizada* (ARA),  
salvo indicação em contrário.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Kolb, Robert; Trueman, Carl R.  
Entre Wittenberg e Genebra: teologia luterana e reformada em diálogo / Robert  
Kolb e Carl R. Trueman, tradução Josaiás Cardoso Ribeiro Júnior – Brasília,  
DF: Editora Monergismo, 2017.  
290 p.; 23cm.

Título original: *Between Wittenberg and Geneva*

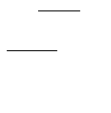
ISBN 978-85-69980-46-9

1. Martinho Lutero 2. Igreja Luterana – Doutrinas 3. Igreja Reformada –  
Doutrinas

CDD: 230

## SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b>	9
<b>ABREVIATURAS</b>	15
<b>1. AS ESCRITURAS E SUA INTERPRETAÇÃO</b>	17
A Sagrada Escritura na tradição luterana	17
A Sagrada Escritura na tradição reformada	35
<b>2. LEI E EVANGELHO</b>	51
Lei e evangelho na tradição luterana	51
Lei e evangelho na tradição reformada	67
<b>3. PESSOA E OBRA DE CRISTO</b>	83
Cristologia na tradição luterana	83
Cristologia na tradição reformada	98
<b>4. ELEIÇÃO E ESCRAVIDÃO DA VONTADE</b>	115
Eleição e escravidão da vontade na tradição luterana	115
Eleição e escravidão da vontade na tradição reformada	131
<b>5. JUSTIFICAÇÃO E SANTIFICAÇÃO</b>	147
Justificação e santificação na tradição luterana	148
Justificação e santificação na tradição reformada	164
<b>6. BATISMO</b>	181
O batismo na tradição luterana	182
O batismo na tradição reformada	197
<b>7. A CEIA DO SENHOR</b>	213
A ceia do Senhor na tradição luterana	214
A ceia do Senhor na tradição reformada	230
<b>8. ADORAÇÃO</b>	247
Adoração na tradição luterana	248
Adoração na tradição reformada	263
<b>CONCLUSÃO</b>	279
<b>ÍNDICE ESCRITURÍSTICO</b>	281
<b>ÍNDICE ONOSMÁTICO</b>	285





## PREFÁCIO

Este livro deve sua origem a duas conversas independentes que Bob Kolb e eu tivemos com Dave Nelson da Baker Publishing Group há alguns anos. Estávamos preocupados com dois fenômenos relacionados que percebemos entre os seminaristas. O primeiro era a incapacidade de muitos deles de entender as diferenças entre ser confessional e ser evangélico.<sup>1</sup>

O segundo era a incapacidade semelhante de entender as diferenças entre luteranos e reformados. De fato, perdi a conta do número de vezes nos últimos anos em que ouvi alunos referirem-se a Lutero como “reformado” e eu ter de corrigi-los ao indicar que ele era um reformador luterano, mas não reformado. Bob e eu queríamos escrever um livro que explicasse as diferenças entre nossas duas comunhões. Os problemas percebidos acima, em relação a nossos alunos, derivam do fato de eles não entenderem realmente as tradições confessionais luterana e reformada. Nenhuma das duas tradições integra o movimento mais amplo do evangelicalismo, enraizado nos avivamentos do século XVIII. O evangelicalismo tende a considerar assuntos de pouca importância temas vitais para as tradições confessionais das igrejas luterana e reformada. Entretanto, mesmo muitos estudantes de igrejas reformadas e luteranas não foram bem ensinados pelas próprias tradições e, portanto, tornaram-se vulneráveis às correntes mais evangélicas da vida protestante. Isso enfraquece sua identidade confessional.

Por exemplo, os evangélicos tendem a concentrar-se na soteriologia e não entendem por que os sacramentos — um ponto central da disputa

---

1 Bob e eu nos consideramos “evangélicos” de acordo com a Reforma: protestantes que confessam o evangelho da justificação pela graça por meio da fé. Aqui, uso os termos evangélico/evangelicalismo para fazer referência ao movimento moderno, fundamentado nos avivamentos do séc. XVIII, alimentados por círculos batistas e parecésias.

entre as duas tradições magisteriais da Reforma — são de grande relevância. De fato, quando assumem alguma posição firme sobre o tema, muitas vezes ela assume a forma de um estranho antissacramentalismo que rejeita o batismo infantil — um ponto que os separa de modo definitivo dos luteranos e reformados confessionais. Ainda assim, talvez atraídos pela estatura heroica de Lutero ou Calvino, muitos evangélicos tendem a apropriar-se dessas figuras para suas causas particulares, selecionando as doutrinas apreciadas e involuntariamente domesticando os reformadores e a Reforma no processo.

Esse problema é mais evidente nas aulas sobre o Colóquio de Marburgo (1529), o famoso debate cara a cara entre Lutero e Zuínglio. Quando os alunos ouvem que Lutero estava pronto para recusar a concordância completa com os reformados por conta da insistência da presença real de Cristo na ceia do Senhor, eles ficam — para dizer o mínimo — confusos e, às vezes, angustiados. O fato de os sacramentos serem a base suficiente para uma ação tão drástica lhes parece absurdo, um ato de orgulho obstinado ou um vestígio do catolicismo romano medieval que Lutero, de alguma forma, não conseguiu rejeitar. Em resumo, instintos moldados pela cultura antisacramental do evangelicalismo moderno tornaram a posição de Lutero incompreensível.

Esse problema levou Bob e eu a conversarmos em separado com Dave, com a ideia de que talvez fosse útil produzir um livro para delinear as posições reformada e luterana sobre várias doutrinas de forma a ajudar os estudantes a ver o que estava em jogo nas discordâncias confessionais das nossas duas tradições e nas diferenças entre o protestantismo confessional, originário da Reforma, e o evangelicalismo, originário do avivalismo do século XVIII. Além disso, também queríamos fazê-lo de modo que, sem minimizar ou relativizar as diferenças, evitasse a causticidade característica desse tipo de esforço no passado. Desde 1529, vimos mais do que o suficiente de recriminação, amargura e deturpação mútua. Queríamos produzir um livro para refletir nosso compromisso com a fé católica da igreja cristã e nosso respeito e afeição um ao outro como irmãos cristãos que servem ao mesmo Senhor e Salvador.

Para cumprir a tarefa, escolhemos oito tópicos nos quais há considerável harmonia e, às vezes, discordâncias significativas entre as duas tradições. Os leitores verão o último caso mais obviamente nos capítulos que lidam com a pessoa de Cristo, o batismo e a ceia do Senhor. Cristo e a ceia

do Senhor são, claro, tópicos interconectados e pontos históricos primários do conflito entre luteranos e reformados. Na verdade, eles permanecem assim hoje. Porém, o leitor também perceberá que, com os pontos agudos de discordância, há significativa convergência em muitos elementos da fé. Por exemplo, a justificação pela graça por meio da fé é crucial para as duas tradições. De fato, é difícil imaginar o que seria a fé reformada se ela não tivesse tomado emprestada essa ideia básica de Lutero. Neste ponto, todos os protestantes da Reforma são filhos e filhas do dr. Martinho, e todos devemos reconhecer esse fato agradecidos.

Bob e eu escrevemos todos os ensaios para apresentar nossas tradições confessionais de maneira consistente. Nossas contribuições são emparelhadas em cada capítulo, com a porção de Bob vindo primeiro, mas elas não foram escritas para configurar um diálogo direto, ponto a ponto, uma com a outra. Nossa esperança é que elas, portanto, representem o ponto de partida para o diálogo futuro — na sala de aula, no contexto da igreja local, talvez mesmo em nível denominacional. As tradições luterana e reformada são voltadas à eclesiologia. Embora apreciemos alguns aspectos do evangelicalismo, acreditamos que a única forma verdadeira de entrar na real discussão ecumênica em busca da unidade maior entre os cristãos é fazê-lo dentro da própria igreja e entre grupos denominacionais.

O leitor também perceberá certas diferenças metodológicas entre os ensaios de Bob e os meus. As diferenças refletem não apenas nossa personalidade como escritores, mas também diferenças entre as tradições. Os luteranos definem o significado de ser “luterano” de diversas formas. Alguns reivindicam o nome com base na adesão a certos princípios básicos representados por Lutero e/ou pelos luteranos ao longo dos séculos, como “justificação pela fé somente” ou “liberdade”. Alguns o fazem ao recorrer a documentos confessionais, como a *Confissão de Augsburgo* ou os *Catecismos* de Lutero, alguns com uma declaração nominal de levar esses documentos a sério. Outra abordagem define “luterano” pela adesão às confissões contidas no *Livro de Concórdia* de 1580 ou, pelo menos à *Confissão de Augsburgo* e ao *Catecismo Menor* de Lutero — outros preferem aceitar esses documentos *quatenus* (na medida em que) eles concordem com a Escritura, outros *quia* (porque) concordam com a Escritura. Alguns incluíram não só a adesão estrita à Escritura e às confissões luteranas, como também a concordância geral com trechos selecionados dos ensinamentos dos grandes dogmáticos do século XVII. Entre os desejosos de representar com seriedade

a confissão de fé luterana histórica há quem enfatize os próprios escritos de Lutero, enquanto outros limitam sua definição de luterano ao ensino do *Livro de Concórdia*. Bob está comprometido com o *Livro de Concórdia* de uma maneira estrita, mas, neste volume, ele reflete sua crença de que os escritos de Lutero representam a melhor oferta “luterana” para o diálogo dentro da família da fé; portanto, em grande medida, sua apresentação se concentra na expressão de Lutero sobre a mensagem bíblica e como ela pode funcionar hoje.

A fé reformada sempre foi definida de várias maneiras. Nos últimos anos, no nível popular, “reformado” passou a significar pouco mais que “calvinístico de modo geral na questão da graça divina” e, assim, funciona como quase um sinônimo para o evangelicalismo com tendências antipelagianas. Isso tem pouca relação com o que foi conhecido como a fé reformada ao longo da história, pois esta estava inextricavelmente ligada a formas particulares de adoração e vida eclesiástica forjadas nos conflitos da Reforma. Na academia, o termo é geralmente usado para referir-se a teólogos que operam dentro de um contexto denominacional específico, a despeito do conteúdo específico de seu trabalho. Neste sentido, “reformado” refere-se a algo muito amplo, que, a princípio, é de pouco auxílio na definição de conteúdo teológico.

Sou um cristão reformado confessional, uma identidade teológica com um conteúdo mais específico e definido. O termo significa que (como Bob) eu levo muito a sério as confissões formais dos séculos XVI e XVII. Como presbiteriano, esse compromisso é especificamente com a *Confissão* e os *Catecismos de Westminster*. Outros crentes reformados, em particular os das tradições holandesa ou alemã, aderem às chamadas Três Formas de Unidade: a *Confissão Belga*, o *Catecismo de Heidelberg* e os *Cânones de Dort*. As diferenças entre as tradições presbiteriana e reformada continental são insignificantes, focadas em detalhes técnicos relativos ao governo da igreja. Na essência da fé reformada há a origem em comum e o consenso confessional. Como os crentes luteranos confessionais, os reformados confessionais também aceitam os grandes credos ecumênicos da igreja antiga. Nesta questão de perspectiva eclesiástica, ambos concordamos.

Porém, há diferenças fundamentais entre as maneiras como o luteranismo e a teologia reformada são definidos. Como observamos, o luteranismo sempre lutou com a figura central e dominante de Lutero. Ele não só escreveu algumas das partes fundamentais do *Livro de Concórdia*,

mas seus compromissos teológicos pessoais também exerceram influência decisiva sobre a configuração da teologia luterana. A teologia reformada, por contraste, era originariamente eclética, sem uma figura dominante no mesmo papel de Lutero em sua tradição. A infeliz proeminência do termo “calvinismo” obscurece esse fato ao sugerir que Calvino seja a influência predominante. Na verdade, Calvino não escreveu nenhum dos padrões confessionais aceitos pelos cristãos reformados modernos, nem dominou a tradição a ponto de suas predileções teológicas se destacarem como únicas. Muitos teólogos moldaram a tradição reformada e, embora Calvino tenha sido sem dúvida muito importante, o melhor que podemos dizer dele é que ele foi o primeiro entre iguais.

Por isso, as seções sobre a tradição reformada neste volume são moldadas menos por Calvino e sua biografia que pelos reais documentos confessionais da tradição reformada e pela luz lançada por muitos dos grandes pensadores reformados nas questões tratadas nos documentos. Sem dúvida, Calvino tem muita força na narrativa teológica. Mas, outros — por exemplo, John Knox, Heinrich Bullinger, Zacarias Ursino, Robert Bruce, John Owen e Herman Bavinck — também desempenham seu papel. Acima de tudo, o material confessional predomina na discussão da teologia e da vida eclesiástica reformadas. Assim, em contraste com Bob, que vê Lutero como o melhor guia para a teologia luterana, estou convencido de que o consenso subjacente aos documentos confessionais da fé reformada, e não qualquer outra figura, oferece a melhor contribuição reformada às discussões na família da fé.

É neste espírito de amizade, catolicidade, ecumenismo e amor às nossas tradições distintas e pela grande comunhão dos santos transcendente a qualquer divisão denominacional que oferecemos este livro aos estudantes de fé luterana e reformada na esperança de que ele forjará uma melhor compreensão de sua própria tradição e da de seus irmãos e irmãs cristãos com quem eles possuem diferenças em questões importantes, mas com quem eles também compartilham o poderoso Salvador.

— **Carl R. Trueman**

